

FICHA TÉCNICA

Título original: *Minha Vida Fora de Série – 2.ª Temporada*

Autora: *Paula Pimenta*

Copyright © Paula Pimenta 2013

Edição original publicada no Brasil por Editora Gutenberg

Versão portuguesa © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Adaptação do texto à versão portuguesa: *Teresa Rebelo da Silva*

Projeto gráfico da capa: *Diogo Droschi*

Fotografia da capa: *Daniel Mansur* (Estúdio Pixel)

Modelos: *Mariana Ávila/Be Machado*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, março, 2016

Depósito legal n.º 404 661/16

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

www.paulapimenta.com

[Twitter.com/paulapimenta](https://twitter.com/paulapimenta)

Edição para venda apenas em Portugal

..... Prólogo

*Julia: Às vezes pergunto-me se estes
sentimentos um dia irão desaparecer.*

(Adultos à força)

Tudo começou exatamente há um ano... Mas, na minha memória, é como se fosse ontem.

Era o dia em que eu fazia quinze anos. Os meus pais bem insistiram... Queriam que eu tivesse uma grande festa, com valsas, DJ, muita gente, muita comida... Muito dinheiro desperdiçado numa só noite. E por isso mesmo, por achar que podia aproveitar muito melhor todo aquele dinheiro, recusei. Obrigada, pai e mãe, vamos deixar a festa de arromba para o meu casamento, se eu me casar um dia. De presente, quero uma viagem. Com destino à Disney.

É um lugar-comum? É. Mas tenho esta teoria de que, se é um lugar-comum, não pode ser mau. Um lugar-comum nada mais é do que uma coisa que já foi repetida vezes sem conta. E porque é que alguém repetiria, voluntariamente, algo que não fosse bom?

— Mas tu já foste à Disney — responderam os meus pais, embora soubessem que na altura em que fui tinha apenas sete anos e só pude andar nas atrações que a minha pouca altura permitiu. Foi apenas uns anos mais tarde que cresci todos os centímetros que me fazem hoje ser considerada uma rapariga alta. Na ocasião, não foi nada divertido ter de ficar de mão dada com a minha mãe, a ver o meu irmão e o meu pai andarem em todas aquelas montanhas-russas radicais. Mas agora ia ser diferente. Queria viajar sozinha. Quero dizer, sem a família. Apenas com

as minhas amigas, já que com o Rodrigo eu sabia perfeitamente que os meus pais nunca iriam permitir. E eu também duvidava muito de que eles me deixassem ir a Londres, Paris, Nova Iorque, Dubai ou a qualquer outra cidade que eu sonhava conhecer. Já a Disney tinha um aspeto puro, encantado... O que é que quatro raparigas de quinze anos podiam fazer de mal na terra do Mickey, além de darem voltas e voltas em mil atrações e gastarem nos *outlets* todo o dinheiro destinado à alimentação?

Era também isso o que eu pensava. Que não podia acontecer nada de extraordinário. Que ia entrar naquele avião e voltaria doze dias depois, cheia de malas e de histórias inocentes, que abasteceriam os meus sonhos por muito tempo...

Como eu estava enganada...

É verdade que voltei doze dias depois. Com as malas a abarrotar. E com muitas histórias. Mas, ao contrário do esperado, não eram nada infantis... Nem me fizeram sonhar. Simplesmente porque, desde então, a recordação daquela viagem não me tem deixado dormir.

1

Jerry: Feliz aniversário? Nem por isso.

(Seinfeld)

— Não te esqueças de fazer um pedido, Priscila!

Eu já estava com os olhos fechados e a reter a respiração, preparada para soprar todas aquelas dezasseis velas, mas a voz do Arthur desconcentrou-me. Por isso, em vez de as apagar logo, demorei uns segundos a pensar no que ia pedir, enquanto observava as velinhas a derreterem-se em cima do bolo de chocolate.

— Ela nunca se lembra de um desejo... — a Bruna deu uma palmadinha ao meu irmão. — Também, com um bolo maravilhoso como este, o meu único pensamento seria apagar tudo depressa para o atacar o mais depressa possível...

— Então!? Não desconcentrem a Pri! Aposto que ela está a desejar coisas bem altruístas, como ganhar a lotaria para salvar todos os cães vadios, ou participar no *Big Brother* e, com o prémio, abrir um abrigo para gatos abandonados...

Ei! As ideias da Larissa eram muito boas... Retive a respiração, fechei os olhos e, quando já me preparava novamente para soprar, o meu pai disse: — Contanto que ela não peça outra viagem ao estrangeiro, tudo bem. Causou um rombo no meu cartão de crédito com aquela ida à Disney no ano passado.

Em vez de soprar, engasguei-me com o ar que tinha retido e comecei a tossir. O meu irmão afastou depressa o bolo da minha frente, afirmando que o ia contaminar com os micróbios da minha tosse. Preparava-me para responder que o bolo era meu e que podia fazer dele o que quisesse, mas de repente percebi que sabia exatamente o que queria pedir e, por isso mesmo, soprei com todas as minhas forças, apagando todas as velas de uma só vez, ainda que o Arthur já se tivesse afastado.

— Uau, esse foi forte! — disse a Bruna a rir. — Aposto que o pedido também foi feito com muita energia!

O que ela disse era mesmo verdade. Desejei com todas as minhas forças que nunca mais ninguém voltasse a falar comigo daquela viagem, que a palavra «Disney» desaparecesse do vocabulário de toda a gente e que eu tivesse uma amnésia tal que, de uma vez por todas, apagasse aqueles dias da minha mente! Mas, pelos vistos, não tinha sorte...

— Por falar em Disney, a Luísa voltou mesmo lá este ano?
— perguntou-me o meu pai. — É por isso que ela não está cá?

— Ela foi com a família — respondeu a Larissa por mim.
— Desde que voltámos, a irmãzinha dela não parou de insistir que também queria ter ido, que foi uma grande injustiça terem oferecido aquela viagem à Luísa e a ela não... Não serviu de nada os pais explicarem-lhe que a viagem foi o presente dos quinze anos da Lu, assim como o dos meus, da Bruna e da Pri. Ela protestou tanto, que eles acabaram por juntar dinheiro para nestas férias fazerem a viagem com as duas filhas. Mas a Luísa já escreveu a dizer que desta vez não está achar graça nenhuma, que a nossa viagem foi infinitamente melhor e que está ansiosa por voltar para casa...

— Isso prova que o que importa é a companhia que temos e não o lugar a que vamos — disse o meu pai. — Ainda bem, porque assim a Priscila não vai reclamar por passar as férias todas aqui convosco, em vez de ir viajar.

— O que é que o pai bebeu? — perguntou o Arthur, voltando a pousar o bolo em cima da mesa e preparando-se para o cortar. — Desde que ela chegou, não tem parado de protestar! Já disse que a gaiola do *Chico* está enferrujada, que o apartamento é muito pequeno, que a televisão está sempre a repetir as mesmas séries, que não para de chover... Tem a certeza de que não quer reconsiderar e deixá-la ir viajar com o Rodrigo?

Eu ainda estava meio anestesiada por causa daquela conversa toda sobre a Disney, mas despertei ao ouvir o nome «Rodrigo» e aproveitei o incentivo do meu irmão.

— Oh, pai! Por favor... Ofereça-me isso de presente de anos! Ainda dá tempo, ele só vai daqui a uns dias!

— Priscila, eu já te dei um presente. Aliás, um não... Dois! Não tenho culpa de que tenhas acabado com eles num só dia.

Não percebo como é que consegues ver séries de televisão a essa velocidade! A piada toda está exatamente em ficar uma semana à espera do próximo episódio...

— Então já acabaste de ver *Joan of Arcadia* e *Erica*? Emprastas-ma?

Nem tive tempo de responder à Larissa, porque o meu pai se antecipou.

— Pensei que esta conversa sobre a viagem com o Rodrigo já tivesse acabado! Não quero voltar a ouvir falar no assunto. Já te disse que não tens idade para ir viajar com o namorado e ponto final! Além do mais, passas o ano inteiro com a tua mãe e eu gostava que pelo menos nas férias quisesses ficar comigo... No ano passado, já tive de abrir mão de ti durante duas semanas por causa da Disney.

De novo aquela palavra...

— E, além do mais — continuou o meu pai —, se o Rodrigo quisesse mesmo ficar contigo, tinha vindo para cá. Não tinha inventado essa viagem ao Nordeste!

— Do modo como o pai fala, até parece que ele me trocou por umas férias na praia com os amigos! Já lhe expliquei que o Rodrigo só foi viajar porque há mais de um ano que não vê a irmã, que vive no Canadá! E agora que ela veio passar uns dias ao Brasil com o namorado canadiano, o Rô quer ficar o máximo de tempo possível perto dela, o que significa ter de ir com eles para Morro de São Paulo! O «gringo» queria conhecer o famoso litoral brasileiro e por isso alugaram lá uma casa grande, com uns quatro quartos. A mãe, o pai, o Daniel e a namorada dele também vão... que mal é que tinha eu ir com eles?!

— Concordo consigo, pai — disse o Arthur com a boca cheia. Só nessa altura é que percebi que ele já tinha partido o meu bolo e o estava a devorar sem dó nem piedade! — Isso é matemática do ensino básico: existem quatro quartos na casa. O pai e a mãe do Rodrigo vão ficar no primeiro quarto. A irmã e o namorado, no segundo. O irmão e a namorada, no terceiro. O Rodrigo, sozinho, no último. Se a Pri fosse, onde será que a iam pôr, hem?

— No quarto quarto! — respondeu a Larissa. Lancei-lhe um olhar furioso e ela disse logo: — Desculpa, Pri, não resisti! Não resisti a dizer «quarto quarto», que combinação fixe!

— Olhe, pai, se o problema é esse, eu posso dormir na sala! Ou digo ao Rodrigo para dormir com o Daniel e eu durmo com a namorada dele! Sei que eles não se vão importar... Na verdade, aposto que ninguém está a pensar em dormir, o que todos mais querem é ficar acordados o máximo de tempo possível, a curtir as férias! Vá lá, pai! Por favor!

O meu pai deu um longo suspiro e eu cheguei a pensar que ele me ia entregar o cartão de crédito para eu comprar o bilhete. Em vez disso, respondeu: — Priscila, dói-me o coração ter de discutir contigo no teu dia de anos. Mas, se não parares imediatamente com esta conversa, vou levar as tuas amigas a casa e acabo com a festa, já que pelos vistos não estás interessada em nada do que aqui tens.

Ele subiu um pouco o tom de voz e percebi que estava a falar a sério. Era difícil o meu pai zangar-se, mas, quando isso acontecia, até fazia medo. E, pelos vistos, não era só eu quem assim pensava; o meu irmão enfiou o resto da fatia de bolo na boca e saiu de fininho. Notei também que a Bruna e a Larissa se entreolhavam assustadas, como se estivessem à procura da saída de emergência.

Eu nada respondi, fiquei só a olhar para o bolo e para os salgadinhos, com vontade de gritar que nada daquilo me interessava mesmo, mas sabia que não era verdade. Reconhecia o esforço do meu pai, por ter comprado tudo e ter ainda saído mais cedo do trabalho para ir buscar as minhas amigas, que agora viviam muito longe do nosso novo apartamento. E, na verdade, eu estava a gostar da festinha... Mas lembrar-me de que o Rodrigo ia passar o verão numa praia, longe de mim, deixava-me furiosa!

O meu pai deu-me uma última olhadela, abanou a cabeça e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, virou-se e saiu da sala.

— Então, Pri... — comentou a Larissa assim que ele desapareceu de vista. — O teu pai preparou esta festa com o maior carinho! Comprou o bolo de que tu mais gostas, encheu

tudo de balões... e ages como se tudo isto te fosse indiferente... Coitado dele!

Eu tinha acabado de pensar exatamente a mesma coisa, mas ouvir isto da boca de outra pessoa deu-me imensa vontade de chorar. Deixei a Larissa e a Bruna na sala e fui para o meu quarto, que ainda não considerava exatamente «meu», mas que era onde agora ficava quando ia a São Paulo. Desde a separação, há três anos, o meu pai começou a achar a nossa antiga casa demasiado grande só para ele e para o meu irmão. E há pouco tempo a empresa em que trabalhava tinha arranjado uma nova sede, em Bela Vista, onde o Arthur também estagiava. Assim, os dois passavam mais tempo no trânsito do que em casa, aonde iam praticamente apenas dormir. Por isso, há seis meses, comunicaram-me que a casa onde eu tinha crescido ia ser vendida.

Num primeiro momento, quase tive um colapso. Por mais que só lá fosse apenas nos feriados e nas férias, aquela ainda era a minha maior referência de São Paulo. Situava-se perto da minha antiga escola e ficava no condomínio onde as minhas amigas continuavam a viver. Atualmente eu considerava Belo Horizonte muito mais a minha casa do que São Paulo, mas esta cidade guardava para sempre algo que nenhum outro lugar do mundo me poderia dar... a minha infância. Era para lá que eu ia quando relembrava, nas minhas memórias, as brincadeiras nas ruas do condomínio, o início da minha amizade com as minhas amigas, as primeiras festinhas e os primeiros namoricos, o amor que o meu pai e a minha mãe sentiam um pelo outro.

Eu devia saber. Tudo acaba um dia.

2

Inv: A velocidade e a direção dos nossos caminhos ao longo da vida são bons indicativos da nossa idade. Corremos desenfreadamente pela infância, sem nunca olhar para trás, à espera que ela acabe o mais depressa possível. À medida que envelhecemos, abrandamos ocasionalmente, apenas o suficiente para observar em redor e apreciar certos momentos.

É uma clara demonstração de crescimento. Mas é apenas nos nossos últimos anos, quando o nosso ritmo diminui e a longa corrida está a chegar ao fim, que passamos a maior parte do tempo a olhar para trás e a perguntarmo-nos porque é que estávamos sempre com tanta pressa.

(Everwood)



De: Leonardo <soueuoleo@gmail.com>

Para: Priscila <pripriscilapri@aol.com>

Enviada: 03 de janeiro, 18:35

Assunto: Hoje há festa!

Parabéns, PRIncesa!

Estou-te a mandar um e-mail porque o teu Facebook está muito concorrido, no mínimo a minha mensagem ia ficar perdida no meio das outras!!!

Desejo-te muitas felicidades ao longo da tua vida! O Rodrigo disse-me que estás em São Paulo. Manda um beijo para as tuas amigas, especialmente

para a lourinha (Luísa, não é?). Espero que tenhas um dia muito feliz! Vê se não vais para a *night* comemorar, lembra-te do meu amigo, OK???

Estou no Rio, mas no dia 15 volto para BH!

Beijão!

Leo



De: Luísa <luisa@netnetnet.com.br>

Para: Priscila <pripriscilapri@aol.com>

Enviada: 03 de janeiro, 19:11

Assunto: Parabéns, Pri!

Parabéns, Pri!

Queria muito estar aí a comemorar contigo, mas este ano não deu porque tive de vir outra vez à Disney (que chato! Ah! ah! ah!). Mas quero que saibas que tenho passado o dia a pensar em ti! Chego a São Paulo no dia 16 de janeiro e nessa altura vamos ter de comemorar de novo, OK? Vê se não gastas todos os assuntos com a Bruna e a Larissa, guarda algumas fofocas para quando eu voltar!

Espero que o teu aniversário esteja a ser maravilhoso! Desejo-te toda a felicidade do mundo (mas deixa um bocadinho para mim)!

Recebeste muitos presentes? Aposto que o teu pai e a tua mãe te deram todas as séries de TV da tua lista de desejos, não foi? Há alguma que queiras que eu te leve daqui?

Beijo enorme!

Luísa



De: Livia <livulcano@netnetnet.com.br>
Para: Priscila <pripriscilapri@aol.com>
Enviada: 03 de janeiro, 19:53
Assunto: Emotiva

Olá, filhinha!

Hoje já falei contigo três vezes, mas estou muito emotiva! Nem acredito que já tenhas dezasseis anos! A minha menininha cresceu! :(

Pri, quero que saibas que estes foram os melhores anos da minha vida. Eu realmente já nem sei como eu era antes de tu existires! Adoro fazer parte deste teu mundo colorido e é muito bom ter-te sempre ao meu lado, porque contigo por perto os dias nunca caem na rotina!

Muito obrigada por seres minha filha, mas, mais do que isso, por seres minha amiga. Mais uma vez, que Deus te abençoe sempre e que continues tão linda e especial como és.

Amo-te muito!

Mãe

P.S.: Quando voltar quero saber quais as séries de TV que não recebeste do teu pai, para eu tas dar de presente, OK?



De: Luiz Fernando <lfpanogopoulos@mail.com.br>
Para: Priscila <pripriscilapri@aol.com>
Enviada: 03 de janeiro, 21:13
Assunto: Tudo bem

Filha, eu sei que gostaste da festa, não precisavas de pedir desculpa. E também sei que

continuas a gostar de passar férias comigo (mas gostei muito de te ouvir afirmar isso).

Prometo que quando fizeres dezassete anos pensarei na possibilidade de, aos dezoito, ires passar férias com o Rodrigo. Mas, por enquanto, diverte-te nas férias com as tuas amigas. Não vejo razão para tanta ansiedade... Se tu e o Rodrigo forem mesmo feitos um para o outro, vão ficar juntos a vida inteira. Então, porquê a pressa? Vocês terão muitas outras oportunidades de viajar em conjunto.

Beijo enorme, parabéns de novo!

Pai

P.S.: Conselho de pai: ficar uns tempinhos longe do namorado é bom para criar saudades. Quando a tua mãe e eu namorávamos, ainda me lembro como era quando ela tinha de ir para longe... Parecia péssimo, mas quando ela voltava ninguém se controlava, não conseguia separar-me dela, queríamos recuperar o tempo perdido e... Ui. Pensando bem, acho que este não foi um bom conselho. Que pena a Samantha não estar por perto! Pelo que sei, os conselhos dela eram bem mais úteis do que os meus...



De: Samantha <sambasam@email.com>

Para: Priscila <pripriscilapri@aol.com>

Enviada: 03 de janeiro, 21:35

Assunto: Parabéns!

Priprica, *baby*! Que saudades!

Em primeiro lugar, parabéééééééééééns!!!! Nem imaginas como eu gostava de te dar um abraço pessoalmente, mas, dadas as circunstâncias, achei

melhor mandar-te um e-mail a desejar felicidades. Quero que saibas que passei o dia a pensar em ti e que continuas a ser a minha «cunhadinha» preferida, mesmo que o teu irmão tenha deixado de ser o nosso elo.

Pripri, espero que te estejas a divertir loucamente no dia de hoje. Diverte-te! Dezasseis anos é uma idade mágica! É quando os nossos pais FINALMENTE percebem que já não somos mais crianças e também quando deixamos de nos preocupar com aquelas questões chatas do início da adolescência (sabes do que estou a falar: «O meu cabelo está bem?» «O meu peito é pequeno?» «O meu desodorizante está a deixar marcas?») e começamos a curtir a valer, sem nos importarmos com os outros! E é exatamente isso que eu quero que tu faças! Que sejas muito feliz em cada dia da tua vida! Tu mereces!

Há imenso tempo que não conversamos, será que me podias ligar (às escondidas do teu irmão) quando estiveres em São Paulo? Quem sabe se nos poderíamos encontrar para tomar um café (eu ia-te convidar para irmos beber uma cerveja, mas acho melhor esperar mais uns dois anos...) e pôr as fofocas em dia? Ainda andas com o Rodrigo? Estou totalmente a leste desde que saí do Facebook. Mas espero que sim. Desejo do fundo do meu coração que vocês sejam felizes para sempre. Vocês ficam perfeitos juntos, só de olhar vê-se logo que foram feitos um para o outro! Morro de saudades das poucas vezes que pudemos sair os quatro, quando eu ainda andava com o Arthur. Divertimo-nos mesmo muito...

Bom, chega de Internet! Desliga o computador e vai divertir-te no teu dia de anos! Espero que a festa se prolongue pela noite dentro e que só voltes para casa ao amanhecer! É uma ordem! (Sim, oficialmente já não sou tua cunhada, mas ainda mando em ti! Ah! ah! ah!).

Beijo enorme!!!!

Sam



De: Priscila <pripriscilapri@aol.com>

Para: Vários <undisclosed recipient>

Enviada: 03 de janeiro, 21:59

Assunto: Obrigada!

Obrigada a todos os que me desejaram parabéns por *e-mail*, por telefone e pelas redes sociais! Fiquei muito feliz!! Gostava que vocês soubessem que o vosso carinho fez que o meu dia se tornasse ainda mais especial.

Para os que perguntaram o que é que eu queria receber de presente, por favor depositem o valor do que me queriam dar na conta da ONG Cão Viver ou na de alguma outra de proteção animal da vossa preferência. Os animais abandonados agradecem (e eu também)!

Beijos!

Pri



De: Livia <livulcano@netnetnet.com.br>

Para: Luiz Fernando <lfpanogopoulos@mail.com.br>

Enviada: 03 de janeiro, 22:13

Assunto: Priscila

Luiz Fernando, como é que deixas a tua filha mandar um *e-mail* coletivo a pedir uma contribuição em dinheiro em vez de presentes? Sei que é por uma causa nobre, mas fiquei um bocadinho envergonhada. Aqui eu costumo controlar (um pouco) o que ela faz.

Livia



De: Luiz Fernando <lfpanogopoulos@mail.com.br>

Para: Livia <livulcano@netnetnet.com.br>

Enviada: 03 de janeiro, 23:43

Assunto: Re: Priscila

Que eu saiba, ela também é tua filha. E até parece que ainda não a conheces. Para ser sincero, adorei a iniciativa dela. É bom saber que a estás a educar tão bem, mesmo longe de mim, a fazer que ela seja assim tão altruísta. Pensa bem, podia ter sido muito pior: ela podia ter pedido mais DVD de séries! Com dezasseis anos eu pensava em tudo, menos em ajudar animais abandonados (ou quem quer que fosse).

Luiz Fernando

3

*Bailey: Eu não me vou esquecer de ti. Não vou.
Prometo: Sempre que precisares de mim,
serás sempre a minha prioridade.*

(Adultos à força)

Havia pelo menos uma vantagem naquela mudança. Agora eu estava muito mais perto de tudo e não dependia mais do meu pai para me levar e buscar sempre que eu tinha de ir a algum lado. O metro ficava pertinho do apartamento, mas na maioria das vezes eu podia ir a pé, porque tudo o que precisava encontrava-se perto.

Por isso, no dia seguinte ao meu aniversário, depois de percorrer nem sequer dois quarteirões, cheguei ao Starbucks um bocado molhada por causa da chuva, mas pelo menos não tive de atravessar a cidade inteira, como antigamente.

Mal entrei e olhei para os lados, a minha visão foi obstruída por duas mãos que me taparam os olhos. Sorri antes mesmo de falar: — Samantha!

Eu sabia que era ela.

— Cunhadinha, que saudades!!! — destapou-me os olhos e atirou-se para cima de mim. Retribuí o abraço, percebendo quanto tinha sentido a sua falta. Uns segundos depois, ela afastou-se. — Olha para ti! Está deslumbrante! O teu cabelo está tão comprido! Essa roupa é o máximo! Tiraste o aparelho dos dentes! O que aconteceu às tuas sardas? Diminuíram muito! E essa altura? Pri, para de crescer! Pareço uma anã ao teu lado! Aliás, vou até afastar-me, estás a atrair todas as atenções. Assim, mais ninguém vai olhar para mim! As tuas amigas não têm inveja?

Ri-me do exagero. Há mais de um ano que eu tinha a mesma altura, um metro e setenta, e tinha a certeza de que não ia crescer mais. E a Sam também continuava exatamente a mesma: linda, simpática, bem-humorada... Na verdade, eu não percebia como é que o meu irmão pôde ter acabado tudo com ela.

— Nem acreditei quando me ligaste ontem à noite a dizer que estavas aqui em São Paulo! Ainda bem que te mandei aquele *e-mail*! Vamo-nos sentar ali? Quero saber como anda o namoro, a escola... toda a tua vida! Quanto tempo é que passou? Há um ano e meio que a gente não se encontra?

Fiz rapidamente os cálculos. Ela e o Arthur tinham ido a Belo Horizonte quando eu fiz catorze anos e depois disso eu tinha ido a São Paulo algumas vezes. Quando voltei da Disney, na altura em que fiz quinze anos, eles já tinham acabado o namoro, por isso nem cheguei a falar com ela sobre a viagem.

— É, acho que é mais ou menos isso... Já passou muito tempo, mesmo! Também quero saber o que tens feito. Da última vez, estavas a pensar frequentar um segundo curso na faculdade, mesmo sem teres terminado o primeiro...

Ela conduziu-me para uma mesa a um canto, enquanto respondia.

— Exatamente! Nessa altura, ainda andava a pensar no assunto, mas, no fim do ano passado, decidi-me. Vou começar a estudar Psicologia, à noite. Como estou quase a acabar o curso de Informática, vou aproveitar para começar já um novo. Ah, e continuo naquele mesmo estágio, da parte da tarde; e a boa notícia é que já me disseram que me vão contratar assim que eu me formar!

Sorri, identificando-me com o que ela acabara de dizer. A Sam era muito parecida comigo, também não conseguia ficar parada.

Como se lesse os meus pensamentos, perguntou: — E tu, continuas a preencher todos os segundos do teu dia? Ainda com aulas de andebol, alpinismo, caraté, pintura, culinária, pesca submarina...

Comecei a rir antes de ela terminar a lista. Não era bem assim, mas realmente gostava de aproveitar os meus tempos livres.

— Continuo na natação e no voleibol. Parei com a ginástica olímpica e com o *jazz*, mas estou a fazer *street dance*. E agora também tenho aulas de inglês e de espanhol. Acho que   só isto...

— Ah, s ? — disse, rindo. — E sobra-te tempo para estudar? Pelo que sei, no ano que vem já tens o vestibular, não  ?

Assenti e suspirei ao mesmo tempo. Eu ainda ia começar o 2.º ano do ensino médio, mas já estava farta de ouvir a palavra «vestibular». Eu não queria nem imaginar como ia ser quando o ano chegasse.

A Sam percebeu que eu fiquei meio desanimada e mudou de assunto: — E as aulas de canto? Da última vez que te encontrei, disseste que as tinhas abandonado... Não as retomaste mesmo?

Aquele era outro tema que eu preferia evitar. O facto é que quando o Marcelo — o irmão mais velho do Rodrigo — veio passar férias ao Brasil pela primeira vez, depois de ter ido para uma faculdade no Canadá, resolvi fazer uma pausa nas aulas que eu tinha com a mãe deles.

Eu não via o Marcelo desde que nos tínhamos mudado e por mais que o Rodrigo me garantisse que aquele reencontro não ia ser nada constrangedor, porque o irmão sabia que nós namorávamos há mais de um ano e até tinha pedido desculpa por nos ter causado problemas no início, eu sabia que não me ia sentir confortável no mesmo ambiente que ele. E tinha razão. Foi como reviver um pesadelo. A dona Lúcia tinha feito um almoço para receber o filho e convidou-me. Tentei recusar, mas percebi que o Rodrigo precisava daquilo, tinha de provar ao irmão que a vida dele corria bem e que, apesar de tudo, ele não tinha conseguido separar-nos. Então, acabei por ir, mas, no primeiro olhar que o Marcelo me lançou, percebi logo que, para ele, aquilo não era assim tão simples. Ele ainda sentia raiva... e algo mais. Percebi isso quando ele percorreu cada centímetro do meu corpo com aqueles olhos azuis maliciosos.

O Rodrigo talvez também tenha notado, porque durante esse almoço não me deixou nem um segundo sozinha. Mas, se eu continuasse a lá ir às aulas, seria apenas uma questão de tempo até ficar frente a frente com o Marcelo, num dia em que o Rodrigo não estivesse em casa. Sabia que ia ser inevitável, que um dia acabaria por ter de o encarar, mas ia adiar o mais possível. Por isso, com o pretexto de estar a ter más notas e de precisar de tempo para estudar, fiz uma pausa nas aulas de canto. A minha intenção era retomar logo que o Marcelo se fosse embora, mas

o Rodrigo — que sabia perfeitamente que eu andava a ter boas notas — perguntou-me se o verdadeiro motivo tinha a ver com o regresso do irmão, se eu estava com medo de que a presença dele me desorientasse... Claro que neguei, mas já não pude voltar imediatamente depois de ele se ir embora, como eu pretendia. Só que, ao fim de uns tempos, a escola tornou-se mais exigente, precisei de me dedicar mais e acabei por deixar cair as aulas de canto. Mas não havia um dia em que eu não olhasse para o meu microfone, que estava num tripé no meu quarto, e não me lembrasse que estava a deixar para trás algo que me fazia feliz.

— Outro tema difícil? — perguntou a Samantha, despertando-me das minhas recordações. Sorri e preferi virar o jogo. Havia algo que há já muito tempo *eu* queria saber...

— Sam, por falar em assunto delicado, será que me podes explicar o que é que realmente aconteceu entre ti e o meu irmão? Eu jurava que vocês iam ficar juntos para sempre! Nem acreditei quando ele me contou que tinham acabado o namoro. Perguntei-lhe várias vezes o motivo, mas ele apenas me disse que foi por incompatibilidade de opiniões. E tu também não quiseste falar no assunto, quando te liguei logo depois... Sei que deve ter sido difícil, mas, agora que já passou mais de um ano, podes contar-me?

Ela levantou-se da cadeira, disse que precisava de uma bebida forte antes de se recordar daquilo e perguntou o que é que eu queria. Ao fim de uns minutos, voltou trazendo o meu *Frapuccino* de chocolate e um café expresso, que bebeu praticamente de um só gole.

— Pelo menos puseste açúcar nessa coisa? — perguntei, sentindo um amargo na língua só de olhar.

Ela respirou fundo e disse que era para se ambientar, porque era uma história muito amarga a que me ia contar.

— Pri, queria pedir-te que não contasses ao teu irmão que eu te falei nisto, OK? Se ele não te quis contar, de certeza que não quer que tu saibas...

Eu assenti com a cabeça e ela começou a contar, depois de um longo suspiro. Percebi que aquele assunto ainda era doloroso para ela.

— Eu tinha acabado de fazer vinte anos, e, no mês seguinte, eu e o Arthur íamos fazer dois anos de namoro. Nós estávamos muito unidos, como te lembras... Passávamos todo o tempo juntos, tanto na faculdade como cá fora. Por isso mesmo, na verdade, parecia que já andávamos há muito mais tempo. Era como se ele tivesse sido sempre o meu namorado, era difícil lembrar-me de como era a minha vida antes de ele aparecer.

Desta vez, fui eu que suspirei. Conhecia perfeitamente aquela sensação...

— Então, fomos comemorar a passagem de ano a Paraty, ficámos uma semana em casa da tua avó. Lembras-te? Tu não foste porque estavas quase a partir para Orlando, para comemorar os teus quinze anos.

Eu lembrava-me, claro. Eu parti exatamente no meu dia de anos e uns dias antes tinha ficado ocupada a fazer as malas... E também a despedir-me do Rodrigo. Por isso, no Ano Novo, acabara por ficar em Belo Horizonte.

— No início da viagem, foi tudo perfeito, sabes como Paraty é uma cidade romântica. Passeámos muito, fomos à praia, descansámos, namorámos... Até que, na última noite, fomos a um restaurante e pedimos um vinho, para acompanhar o jantar. O teu irmão não é muito de beber e por isso acho que a bebida lhe subiu depressa. Começou a ficar muito falador e do nada começou a contar-me umas coisas que eu não sabia...

Terminei o meu *Frapuccino* sem dar por isso; estava totalmente compenetrada no seu relato.

— Ele começou a dizer que tinha participado num seminário de bioinformática pela Internet, oferecido por uma universidade dos Estados Unidos. No final, os organizadores ficaram tão impressionados com o seu desempenho, que lhe ofereceram uma bolsa. Tu sabias disso, Priscila?

Limitei-me a abanar a cabeça de um lado para o outro. Nunca na vida tinha ouvido a palavra «bioinformática».

— Tens ideia de quanto esses organizadores devem ter ficado entusiasmados com o teu irmão para lhe terem oferecido uma bolsa? — perguntou a Sam, mas antes de eu responder,

continuou: — Pri, uma licenciatura em Informática nos Estados Unidos custa à volta de vinte mil dólares por ano. É o sonho de qualquer pessoa normal! Estudar no estrangeiro sem ter de pagar nada!

Comecei a perceber a gravidade do que ela me ia contar. Pelos vistos, o meu irmão não era uma pessoa *normal*, já que continuava a estudar na mesma faculdade, ainda no Brasil...

— Priscila, quando o Arthur me falou dessa bolsa, comecei aos gritos no meio do restaurante! Fiquei tão orgulhosa de ter um namorado tão inteligente e estava tão feliz por ele, que nem percebi que o teu irmão não partilhava o meu entusiasmo. Fiquei a dizer que aquilo era o máximo, que o ia visitar, que também ia tentar conseguir um curso de férias na mesma faculdade... Pri, comecei a imaginar o futuro. Eu vi o teu irmão formado, com um megacurrículo, considerado um profissional super-respeitado... Só no momento em que perguntei quando é que ele ia partir é que reparei que estava muito sério. E gelei no mesmo minuto. Imaginei logo o que tinha acontecido...

— O que é que aconteceu? — perguntei depressa. Não conseguia lembrar-me de nada que pudesse levar o meu irmão a desistir de algo assim.

A Sam pareceu atrapalhada, começou a brincar com a colher do café. E então olhou para mim com uma expressão carregada de tristeza. Eu nunca a tinha visto assim.

— Ele disse que não tinha aceitado por minha causa. Porque não queria estar longe de mim.

Fiquei sem palavras. Aquela seria seguramente a atitude que eu tomaria: largar tudo por amor. Mas nunca imaginaria que o meu irmão tivesse a mesma reação. Ele era o intelectual da família e a pessoa mais racional que eu conhecia!

— Pri, tens noção da pressão que eu senti naquele momento? Eu estava apaixonada pelo Arthur, mas não queria carregar aquela responsabilidade para o resto da vida! Muitos anos mais tarde, ele iria atirar-me à cara que por minha causa tinha perdido uma grande oportunidade... Quando lhe disse isto e afirmei que ele tinha de pensar em primeiro lugar no seu futuro profissional,

o teu irmão transformou-se. Ficou frio, seco, começou a tratar-me mal. Disse que julgava que nós estávamos em sintonia, que eu também me quisesse *casar* com ele... Casar, Priscila. Aos vinte anos. Claro que eu queria isso, um dia, no futuro, mas para o Arthur parecia que era um assunto para depois de amanhã! Tentei convencê-lo a aceitar a bolsa, ele afirmou que já tinha passado o prazo de matrícula, mas que, mesmo que não tivesse, não aceitaria, porque não ia acatar as minhas *ordens*.

»E, de repente, tudo mudou entre nós. No dia seguinte, acordou a dizer que queria voltar para São Paulo. Então, eu tentei conversar com ele, mas não me quis ouvir. Enervei-me e, em vez de voltar de carro com ele, apanhei um autocarro. Acho que isso o irritou ainda mais. Pensei que me ia ligar ao fim de uns dias, quando pensasse bem no assunto e percebesse que eu só queria o melhor para ele, mas nem se manifestou. Por isso, mesmo sabendo que não o devia fazer, telefonei-lhe e acabei por descobrir que ele tinha mudado o número do telemóvel!

Então foi essa a razão que levou o meu irmão a mudar de número...

— Ele também não atendia o telefone fixo de casa do teu pai e tentei comunicar com ele pelo Facebook, mas ele excluiu-me e bloqueou-me, acreditas? Como se tivéssemos doze anos de idade! Eu ainda tinha esperanças de, quando as aulas começassem, conseguir falar com ele; afinal, éramos da mesma turma... Mas qual foi a minha surpresa quando no primeiro dia descobri que o Arthur pedira transferência para o turno da noite!

Respirei fundo. Havia muita coisa que agora começava a fazer sentido. O Arthur dissera que mudara o horário da faculdade para poder fazer um estágio durante o dia inteiro... E toda a gente acreditou, sem mais. De certeza que os meus pais também não sabiam daquela história.

— Depois, ainda fui uma noite à faculdade, só para falar com ele. Ao ver-me, o teu irmão tentou fugir, mas eu corri atrás dele. Tentei conversar, disse que o amava, que só tinha dito que ele devia ter aceitado a bolsa por querer o melhor para ele... Mas ele nem me quis ouvir. Apenas afirmou que se eu o amasse

mesmo, ia querer ficar com ele em vez de o mandar para longe. Foi horrível. Ele chorou, eu chorei... E então disse-me que não me queria ver mais, que eu já lhe tinha feito suficientemente mal. E acrescentou até que me afastasse de ti, porque não queria que eu te influenciasse e fizesse de ti uma mulher *fria e calculista*, como eu. Nessa altura fui-me embora e nunca mais o procurei.

— Foi por isso que te afastaste de mim? — perguntei baixinho. Estava muito chocada com o que ela me acabara de contar, mas ainda assim não pude deixar de associar os factos. Nós as duas costumávamos trocar vários *e-mails* por semana, mas, depois de o namoro acabar, ela tinha deixado de me escrever e tinha passado a responder a apenas algumas das minhas mensagens... Por isso mesmo eu tinha ficado muito feliz com o *e-mail* de parabéns que ela me enviara na véspera.

— Nem pensar! — Ela deu-me a mão. — Pri, eu nunca me afastaria de ti apenas pelo facto de o teu irmão o ter *exigido*. Se há uma coisa boa que ficou desse namoro foi a nossa amizade. Mas eu precisei de tempo, de me distanciar de tudo o que me lembrasse o Arthur. Eu amava-o muito... Depois do que aconteceu, fiquei tão abalada que até comecei a fazer psicoterapia. E a minha terapeuta concordou que era melhor afastar-me de ti e de tudo o que me fizesse recordá-lo. Agora, passado um ano, já percebo um pouco melhor a reação do teu irmão. Não foi só por achar que eu o queria longe, também deve ter ficado envergonhado e com o orgulho ferido, porque no fundo sabia que devia ter aceiteado aquela bolsa. Acho que ele teria sentido raiva de qualquer pessoa que lhe tivesse esfregado isso na cara, porque na verdade ele próprio também se culpava. Mas o facto de ter sido eu, exatamente a pessoa por quem ele prescindiu de tudo, piorou as coisas.

— Foi por isso que saíste do Facebook? — perguntei, apenas para dizer qualquer coisa. Nem sabia o que pensar. Era evidente que ela ainda estava magoada e eu imaginava que ele também devia estar.

— Não, querida! — respondeu ela, mudando completamente a expressão. Estava bem mais leve agora. — Eu saí do Facebook

porque o meu novo namorado é muito ciumento, vigia todos os meus passos! Ai, Pri, tenho de te falar dele!

Quer dizer que ela já tinha superado a relação com meu irmão... Bem, já passara um ano desde que acabaram e por isso não podia recriminá-la. Só esperava que o Arthur também já estivesse noutra. Mas, por mais que eu quisesse acreditar nisso, tinha a certeza de que ele ainda pensava nela. Era muito difícil esquecer a Samantha...



Pai, vou chegar um pouco mais tarde, porque encontrei uma amiga que não via há muito tempo e estamos a pôr a conversa em dia. Mas não se preocupe, estou muito perto de casa, no Starbucks. Desculpe por ontem, mais uma vez. Adorei a festa... E o pai sabe que eu adoro estar aqui em SP consigo. Amo-o muito! Beijo enorme! Pri